

Comentário III

Francisco José C. Falcon

Programa de Pós-graduação em História/Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro

No texto-síntese que redigiu, o historiador Ronaldo Vainfas, lúcido e criativo como sempre, busca apresentar uma visão panorâmica mas, sobretudo, problematizada, das temáticas que bem ou mal circulam hoje unidas sob a denominação de História da Vida Privada. Que não se trata de simples apresentação meramente descritiva é algo que se evidencia desde o seu começo conforme o autor expõe suas próprias hesitações a propósito da designação mais adequada a tal objeto de estudo: *campo de investigação, objeto da história, território de pesquisa, tema?*

Entretanto, já que esta intervenção visa, antes de mais nada, propiciar o debate, registro logo de início uma primeira pergunta: trata-se de uma análise voltada para a temática da História da Vida Privada em geral, ou apenas da obra dirigida por G. Duby e Ph. Ariès cujo título é o mesmo?

Designações à parte, não resta dúvida quanto à maneira clara e consistente como o assunto é aqui tratado, ao mesmo tempo em que se evidenciam as distâncias que o autor procurou demarcar em relação às perspectivas que menciona, num exercício analítico e crítico bastante interessante e atual. Creio que poucos historiadores nacionais poderiam aventurar-se num texto como este hoje em dia pois é preciso ter a segurança e amplitude de conhecimentos que possui Vainfas sobre essa História da Vida Privada.

Elogios à parte, compete-me também, como debatedor, expor concordâncias. Certamente muitas, mas sobretudo, talvez, certas dúvidas e diferenças de pontos de vista. Em todo o caso, lembro que meus comentários não representam a opinião de um especialista na temática ora em pauta mas

constituem unicamente observações de um leitor atento e interessado no assunto e muito mais preocupado, na verdade, por tudo aquilo que diga respeito à inserção dessa História da Vida Privada no processo ou movimento mais geral da historiografia contemporânea, seus problemas e perspectivas de natureza teórico-metodológica.

Tentando ordenar um pouco minha intervenção, organizei-a em torno de três temas ou tópicos básicos: a tônica historiográfica que se depreende deste texto; a questão das indefinições conceituais assinaladas por Vainfas; e a discussão da possível definição teórica da História da Vida Privada.

Começo pela *tônica historiográfica*, denominação que utilizo para designar como sendo a principal característica deste texto, algo assim como uma ênfase, excessiva, no meu modo de ver, na produção historiográfica francesa em geral mas, principalmente, nas obras dos "annalistas" gauleses. Tal constatação, ou impressão, leva-me a algumas considerações talvez um tanto intempestivas mas irrefreáveis. Pergunto-me, por exemplo, e pergunto também ao autor, quais os motivos que justificariam numa síntese desse tipo, cujo espírito, suponho, deveria ser o de oferecer uma espécie de *estado atual da questão*, sua limitação quase unicamente ao universo historiográfico francês? Com um certo exagero, reconheço, confesso que cheguei a imaginar que tinha diante de mim algo assim como "A História da Vida Privada na historiografia francesa contemporânea".

Ao refletir sobre este viés tipicamente gaulês, concluí que se trata provavelmente de mais um exemplo de algo que já constitui uma espécie de hábito muito nosso, isto é, bem brasileiro, de perspectivar e reduzir o universo da historiografia contemporânea conforme os limites do espaço-tempo francês. Sem querer aqui investigar as razões que possam explicar esta tendência, registro, a título de simples comentário paralelo, dois corolários dessa atitude mental: primeiro, a assimilação da velha crença gaulesa de que um novo campo temático, ou um novo objeto, só pode realmente *existir* se como tal for reconhecido pelos historiadores franceses ou, melhor dizendo, se já houver sido devidamente consagrado/sacramentado, através de um número adequado de teses acadêmicas; segundo, a exigência, nem sempre assim tão explícita, de que tais pesquisas e trabalhos sejam fiéis à tradição mais geral dos *Annales*.

Demonstração do que acabo de afirmar são os efeitos concretos dessa *tônica francesa* sobre a visão da História da Vida Privada tal como esta se depreende deste trabalho de Vainfas. Cito aqui apenas dois exemplos: a ausência quase total de historiadores de outras nacionalidades (será que ninguém mais pesquisa e escreve sobre História da Vida Privada fora da França?); em segundo lugar, como contraprova, gostaria de chamar atenção para a constante preocupação demonstrada pelo próprio Vainfas no sentido de justificar, valorizar e defender a importância dos trabalhos de Ariès – ora, a quem mais poderia dirigir-se esta defesa se não aos próprios "annalistas", por tanto tempo indiferentes aos esforços de Philippe Ariès?

Quanto às *indefinições conceituais* destaco somente duas, assinaladas e discutidas pelo autor, mas que me parecem propiciadoras de novas reflexões: *privado x público; vida privada x vida cotidiana*.

A discussão do conceito de vida privada e suas relações com o conceito de vida pública, apesar de circunscrita, praticamente, a alguns poucos

historiadores, ou talvez exatamente por este motivo, permite a Vainfas sublinhar certas insuficiências conceituais mais evidentes. No entanto, ao se situar no interior desse círculo de giz traçado pelos autores por ele estudados, caiu na armadilha das exemplificações empíricas e ilustrativas desta ou daquela opinião. Acontece porém que se tais autores têm, como é sabido, dificuldades para levar adiante uma discussão teórica mais densa e consistente, Vainfas, estou certo, não as teria e poderia abordar o problema em profundidade, em termos históricos e dialéticos, quer dizer, levando em conta tanto sua historicidade como o sentido de suas significações inter-relacionadas. Além de Sennett, bem lembrado, outros autores como Weber, Arendt, Koselleck, Laslett, entre muitos outros, poderiam perfeitamente haver entrado em cena e se tornaria então evidente a relativa superficialidade do debate descrito no texto.

Ao abordar as diferenças entre vida privada e vida cotidiana o texto permite claramente entrever o verdadeiro clímax dos *impasses teórico-conceituais*, embora tampouco tenhamos logrado perceber as conclusões do próprio Vainfas, isto é, sua posição teórica, ao fim e ao cabo.

Mas há também algumas surpresas bastante agradáveis nesse texto, especialmente a parte dedicada à velha *História da vida cotidiana*, cujos numerosos volumes, editados a partir de 1938, como que acompanharam, à distância, a evolução da historiografia. Confesso que para mim foi muito bom mesmo recordar algumas de minhas antigas leituras (não importa aqui, como não fazia muita diferença então, se elas se detinham em trabalhos *positivistas* ou, quem sabe, *historicistas*). Dados e fatos, reconstituições de situações ou de modos de ser e pensar eram o forte daqueles livros, não muito aceitos nas rodas acadêmicas, já que não se filiavam em geral aos *Annales*.

A este agradecimento um tanto nostálgico, devo reconhecê-lo, devo acrescentar um elogio muito atual: apreciei muito a coragem de Vainfas ao insinuar, nas entrelinhas, claro, que a noção de *cotidiano*, ou de *vida cotidiana*, parece ser na verdade algo cuja validade histórica está muito na dependência da categoria do historiador que a utiliza; no caso, em se tratando de um M. Bloch, ou um F. Braudel, parece não haver maiores problemas...

A natureza dos problemas conceituais, percebida pelo autor como resultante de uma concepção universalista, abstrata, da chamada *natureza humana*, poderia muito bem ter sido mais trabalhada do ponto de vista de suas evidentes implicações sobre os próprios termos em que se coloca sua discussão nos textos citados. Também a respeito deste ponto gostaria muito de *ouvir* a opinião de Vainfas.

Antes de passarmos ao terceiro tópico, há ainda algumas observações importantes acerca da *Antropologia Histórica*. Salvo erro de minha parte, creio que num estudo sobre a História da Vida Privada a contribuição antropológica, as trocas dia a dia mais intensas entre historiadores e antropólogos, deveriam merecer um tratamento privilegiado. É a conexão-chave. Todavia, leio o texto e sou forçado a lamentar a brevidade dispensada ao tema e não posso tampouco deixar de expressar uma certa estranheza em face da ênfase que é dada a Burguière, num vivo contraste com a ausência de antropólogos propriamente ditos. Aliás, a propósito, será que em termos de *linhagens* também só há franceses a mencionar?

O último tópico que destaquei envolve de fato três pontos principais: Norbert Elias, *ilusões e possibilidades* e *entre paradigmas e escalas*. Da lembrança do nome de N. Elias somente posso dizer que é extremamente oportuna e pertinente. Muito natural também, hoje em dia, conforme seus trabalhos foram *redescobertos*, ou *resgatados*, e receberam o sempre imprescindível *nihil obstat* de um historiador com o prestígio de R. Chartier. Fico curioso, no entanto, a respeito de como Vainfas encara, por exemplo, as relações entre as concepções de Elias e as dos especialistas franceses da História da Vida Privada. Talvez sinta uma curiosidade bem maior, porém, ao tentar compreender os motivos que o levaram a deixar de lado, por exemplo, Peter Gay, P. Laslett, Th. Zeldin, entre outros. Ficou também pairando no ar a explicação para o desprezo silencioso que se constata a respeito da *História Demográfica*, no âmbito da *História da família*. Em suma, por que tantas exclusões?

Das *ilusões e possibilidades* que este texto focaliza, fica-nos a convicção do entusiasmo de seu autor por essa temática, em que pesem as dificuldades, evidentes, da sua prática. Não haveria, entretanto, o perigo da ocorrência de algumas *derrapagens* mais ou menos oportunistas em virtude do próprio fato de existir um público leitor curioso e indefinido, ávido por esse tipo de história?

Dos *paradigmas e escalas*, a par do pessimismo de Sennett em contraposição ao otimismo de Duby, sem que nossa curiosidade fique satisfeita quanto à perspectiva do próprio Vainfas, é oportuno destacar aqui a alusão ao *pós-moderno* e à *micro-história*.

A referência à presença de um *paradigma pós-moderno* na historiografia atual e a vinculação da *Nouvelle Histoire* ao mesmo, comparece aqui a partir de citação de conhecido ensaio de Ciro F. Cardoso mas não consegui saber na verdade a opinião do autor do presente texto sobre tal hipótese. Assim, aproveito a oportunidade para indagar: não seria o caso de se definir como de natureza tipicamente *historicista*, certos pressupostos e abordagens muito típicos dessa História da Vida Privada? Ou, talvez, quem sabe, *neo-historicista*?

Antes de concluir, registro minha estranheza em face do que me pareceu uma distração do autor com relação à sua própria citação de J. Revel, pois, deixou provavelmente pairar no espírito do leitor sua concordância com uma concepção da micro-história como questão essencialmente de visibilidade, ou *escala*. De fato, tal insistência nessa espécie de metáfora visual – visão ou abordagem microscópica *versus* telescópica – constitui uma das formas habitualmente criticadas por C. Guinzburg e G. Levi a propósito da definição da micro-história, uma vez que nela podemos perceber realmente duas coisas: a tentativa de reduzir a micro-história a uma espécie de derivação ou decorrência da *Nouvelle Histoire*; o silêncio ou a incompreensão do que seria o aspecto definidor da micro-história, o fato de ser esta um outro – e novo – paradigma de investigação: o chamado *paradigma indiciário*.

Ao terminar, reitero meus parabéns a Vainfas por sua coragem e disposição para redigir este texto-base com tamanha concisão e, no entanto, povoado de críticas e otimismo.